

## **A invenção de Churchill**

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

Houve um tempo – idos de 1950 a 1970 – em que Bagdá, a capital do Iraque, era conhecida como a Paris do Oriente Médio.

Musa, pois, de turistas ocidentais, que a olhavam com a mesma alegria, o mesmo charme, a mesma emoção estética, o mesmo cosmopolitismo da capital francesa, acrescido de um detalhe, que lhe garantia fama e opulência: o subsolo do Iraque riquíssimo em petróleo.

Hoje, questiona-se o porquê do desastre de um país que tinha tudo para ser uma grande potência mundial.

Recentemente, um livro escrito pelo historiador e professor da Universidade de Cambridge, Christopher Catherwood, com o título de “A loucura de Churchill”, tradução de Clóvis Marques, editado pela Record, com 380 páginas, procura dar resposta ao enigma.

É aqui, sem dúvida, que entra a participação de Winston Churchill como ator e inspiração do fenômeno histórico.

No distante ano de 1920, onde era imensa a presença da Inglaterra no xadrez político internacional, o estadista britânico, que na Segunda Grande Guerra Mundial salvaria a liberdade de todos os povos, prometendo “sangue, suor e lágrimas”, exercia o cargo de ministro das Colônias.

Assim, no comando da administração dos domínios ingleses, é ele quem arquiteta a criação de um único país na Mesopotâmia, região que ficou sob o controle de Londres em decorrência da divisão do espólio da Primeira Guerra Mundial, entre os vencedores.

Para o ato de criação do novo Estado, Winston Churchill promove a Conferência do Cairo, em 1921, com a presença de personagens ilustres como o lendário T. E. Lawrence, depois cinematograficamente conhecido como Lawrence da Arábia, e Gertrude Bell, fundadora, algum tempo depois, do Museu Arqueológico de Bagdá.

A ambos, isto é, a Lawrence e Gertrude Bell, é atribuída a idéia de criação de um único Estado na região, tese aceita, de plano, por Churchill.

Aqui, sem dúvida, o grande equívoco do líder inglês.

O Iraque, criado, como de fato o foi, ele tentou unir etnias diferentes: curdos, sunitas e xiitas.

Foi um tiro no pé da história.

Pelos menos mais uma pátria, no caso, uma nação dos curdos, poderia ter sido criada, para equilibrar a geografia política, econômica, social e étnica daquela área.

É esse, também, o entendimento de Christopher Catherwood, autor do ensaio, “A loucura de Churchill”, quando garante: “O Oriente Médio seria hoje bem mais pacífico se Churchill houvesse concedido um país a cada grupo, e especialmente se os curdos ganhassem um Estado próprio, que até hoje eles não têm”.

Os gênios, na política e na guerra, também erram, sacrificando o futuro, quando procuram inventar alternativas, agredindo a lógica e o determinismo histórico.

Como se vê, lamentavelmente, Churchill inventou o caos em respeitável fatia do Oriente Médio.

O mundo está pagando por isso.